

A EXPERIÊNCIA DA RELEITURA

Douglas Lima

É um caderno grosso, com espiral de arame e a foto de uma mulher na capa, eu descrevia por telefone, enquanto minha mãe, distante quase quinhentos quilômetros, revirava as pilhas de papéis velhos que ainda guardo na casa dela e respondia pela enésima vez que aquele objeto não estava lá. Para desincumbimento de consciência, meses mais tarde obriguei meu irmão mais novo a fazer uma chamada de vídeo diretamente do quarto onde está a papelada. Usando de uma das mágicas do nosso tempo, por uns bons minutos verifiquei digitalmente pedaços aleatórios de meu passado. Ao fim das contas, nenhum era o que eu buscava e acabei convencido de que realmente o caderno se perdera. Aquele era um dos repositórios arqueológicos da minha formação como leitor. Um caderno de português da antiga quinta série, provavelmente o período em que a leitura e a escrita chutaram a porta da minha vida e entraram para nunca mais sair.

O caderno está perdido, mas eu me lembro bem do que gostaria de recuperar nele. Desde o início do ano letivo, estávamos em 2000, e enquanto escrevo no pandêmico 2020, tenho a impressão de que aquilo ocorreu em outra vivida quando a professora Tininha incentivava a leitura entre seus alunos. Eu estudava em uma escola pública, não tinha televisão em casa e mal saía da minha cidade, Capelinha, no Vale do Jequitinhonha. Uma vez por semana, ela nos liberava da sala de aula por alguns minutos para irmos à biblioteca escolher um livro. Com o tempo, passei a ler muito mais de um por semana e comecei a burlar o sistema com a anuência da Geralda, a bibliotecária. Assim que encerrava o turno, eu corria até à biblioteca e ela permitia que eu trocasse o livro. Eu ainda não sabia, mas muito da pessoa que eu estava me tornando devia-se às dezenas de livros que lia a cada ano na passagem da infância para a adolescência.

Além da leitura, a professora Tininha também incentivava a escrita a respeito do que líamos. Havia uma ficha no caderno de português, que devia ser preenchida com os dados de identificação e uma opinião acerca de cada livro lido. Em geral, minhas avaliações eram positivas. Lembro que naquele ano li alguns volumes do *Sítio do Pica-pau Amarelo*, de Monteiro Lobato, e pelo menos um do inglês Roald Dahl, autor de *Os Minpins*. Até que tive nas mãos uma coletânea de tirinhas da Mafalda, do qual infelizmente não me recordo o título. A professora selecionava e lia em voz alta algumas das resenhas que produzíamos. Tenho viva a lembrança do momento em que ela leu para toda a turma as

minhas palavras acerca da obra do cartunista Quino. Do alto dos meus onze anos de idade, decretei o veredito: as histórias em quadrinhos eram extremamente curtas, muitas não tinham sentido algum, parecia que objetivo era fazer rir, mas poucas eram realmente engraçadas. Em resumo, um péssimo livro, com conteúdo questionável, que eu não recomendava aos colegas...

A professora Tininha não entrou no mérito da minha resenha. Ela usou as palavras que escrevi como exemplo de uma avaliação literária negativa, para mostrar que nem todo livro agrada a todo mundo. Mas se ela foi elegante ao evitar dizer que fiz um juízo errado sobre Mafalda, o tempo foi implacável ao jogar isso na minha cara. Com o passar dos anos, percebi as camadas de complexidade da obra de Quino, das personagens que ele criou e da potência humana condensada na menina Mafalda. E por quais motivos não percebi isso quando li as tirinhas pela primeira vez? Hoje, depois de duas décadas, penso que minha versão do ano 2000 talvez acreditasse que a leitura de quadrinhos fosse óbvia e exigisse pouca interpretação, e que eu não entendia bem o contexto em que a obra foi produzida e as questões que ela mobilizava. Acho que a professora se divertiu ao pensar no choque que eu teria anos mais tarde, quando fosse um leitor mais maduro e relesse o livro que resenhei.

Sempre rememoro esse episódio quando assisto debates relacionados à formação de leitores. Além de aspectos técnicos e da adequação do material à faixa etária, há elementos sutis envolvidos na interpretação e fruição de um produto artístico ou literário. Nessa dinâmica, a compreensão de mundo e o repertório de experiências por parte do leitor/fruidor desempenham papéis relevantes. Na minha inocência, eu comparei as tirinhas da Mafalda com as histórias em quadrinhos da Disney. Na casa dos meus avós maternos, haviam caixas e caixas de desgastadas revistinhas publicadas nos anos 1980, *espólio* que meus tios largaram por lá. As narrativas que combinavam imagem e texto com as quais eu estava então habituado tinham estruturas mais fechadas e literais. Nelas, início, meio e fim eram bem delimitados e as ilustrações complementavam ou coincidiam com as falas das personagens. As tirinhas da Mafalda, cheias de metáforas em seus traços, com muitas mensagens não ditas, mas subtendidas, não operam necessariamente na mesma lógica. Entretanto, eu as li segundo o filtro que me parecia óbvio e imediato. Por achar que a linguagem desenhada era mais fácil de compreender do que a escrita, e pelo fato de as principais personagens nas tirinhas serem crianças, eu posso ter acreditado que

o público alvo de Mafalda fosse o infantojuvenil, afinal, o livro estava na seção da biblioteca direcionada à minha faixa etária. Se a mim fazia pouco sentido, logo, o conteúdo do volume só podia ser ruim.

Eu também não tinha a menor ideia do contexto em que Quino concebeu o seu trabalho, nas décadas de 1960 e 1970. Não me passava pela cabeça que aquela menina e sua turma representavam e questionavam problemas políticos, econômicos e sociais que a Argentina e o mundo enfrentavam. Aliás, eu tinha pouca percepção dos problemas humanos que permaneciam presentes em 2000, e continuam atuais em 2020, também inscritos nas páginas de Mafalda: relações de poder e gênero, democracia, autoritarismo; desigualdade. Como leitor e historiador, hoje tenho noção de que a obra de Quino não é nada óbvia. Sua compreensão mais alargada depende de maturidade e de algum conhecimento sobre o que se passava no mundo quando as tirinhas foram elaboradas.

A avaliação equivocada que fiz na primeira leitura de Mafalda e a posterior reavaliação são partes de um processo pouco destacado quando se fala da experiência do leitor: a releitura. Rer ler é um ato que permite reexaminar não somente uma obra, mas também a nossa capacidade de entendimento da produção literária, artística ou intelectual. Em alguma medida, a releitura de um texto ou uma imagem é oportunidade de colocar em perspectiva o nosso desenvolvimento como seres humanos, quando comparamos em nós os impactos de uma mesma obra lida em momentos distintos. São detalhes, interpretações e vieses que podem ter passado batidos no primeiro contato. Mas o tempo tem o poder de nos modificar. E o livro já lido, que permanece com o mesmo conteúdo, em outras ocasiões, pode nos guiar por caminhos inéditos e oferecer uma nova chance de ser apreendido, caso permitamo-nos voltar a ele. Assim seguimos, estes seres que não nascem prontos, nunca estão acabados e sempre buscam adicionar mais um tijolinho em suas paredes infinitas: leitores.